

## Visões da História sobre uma memória de lutas: o olhar do historiador sobre “As lutas do povo do Borel”

Mauro Amoroso\*

### Resumo

O presente trabalho é uma análise de *As lutas do povo do Borel*, lançada em 1980 e prefaciada por Luiz Carlos Prestes. A obra é o testemunho de um antigo morador da favela do Borel sobre como se desenvolveu a ocupação e expansão dessa área, assim como o processo mobilizatório em torno da luta pela permanência no local. Tal mobilização resultou na criação da União dos Trabalhadores Favelados, uma das primeiras associações de moradores de favelas surgidas no Rio de Janeiro, e cujo resgate de seu passado é um dos principais objetivos do livro. Desse modo, pretende-se analisar a articulação de interesses e dos atores envolvidos na elaboração da obra. Também se refletirá sobre as representações contidas nessa memória, seus significados e possíveis usos perante a problemática da habitação popular e a situação política de princípios da década de 80.

**Palavras-chave:** memória; favela; Borel

### Abstract

This work is an analysis of *The struggles of people of Borel*, launched in 1980 and prefaced by Luiz Carlos Prestes. The book is the testimony of a former resident of the Borel has developed about the occupation and expansion of this area as well as the mobilization process around the struggle to stay in place. This mobilization resulted in the creation of the Union Workers' Slums, one of the first associations of residents of slums emerged in Rio de Janeiro, and the redemption of its past is one of the main goals of the book. Thus, it is intended to examine the articulation of interests and actors involved in the preparation of the book. They also reflect on the representations contained in memory, their meanings and possible uses to the problem of popular housing and political situation of principles of the 80s.

**Words-Key:** memory; slum; Borel

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise historiográfica sobre a obra *As lutas do povo do Borel*, de autoria de Manoel Gomes, lançada em 1980. O referente texto é o testemunho pessoal de um antigo morador do morro sobre como se desenvolveu a ocupação e expansão dessa área, assim com o processo mobilizatório de seus moradores em torno da luta pela permanência no local perante as ameaças de despejo e reivindicações de posse sobre o terreno.

No tocante às favelas, o final da década de 70 foi caracterizado pela reorganização e surgimento de novas associações de moradores. Dessa época podemos observar o surgimento do Movimento de Reorganização da Associação de Moradores (MORA), na Rocinha, e a

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC/FGV.

Comissão de Defesa das Favelas da Maré (CODEFAM), além da reativação da Associação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (FAFERJ) (PANDOLFI & GRZYNSZPAN, 2002).

A partir de 1980, ano do lançamento do livro de Manoel Gomes, é inaugurada uma nova forma de relacionamento entre o poder público e as favelas, tendo como marco o primeiro governo de Leonel Brizola (1983-1986). Essa administração foi responsável pela criação de diversos programas voltados para a urbanização de favelas, em contraponto às políticas de remoção do período militar. Como exemplo desses programas, pode ser citado o *Cada família, um lote*, que objetivava a regularização da propriedade em favelas. As associações passaram, desse modo, a atuar como interlocutores junto ao governo. Empresas estatais forneceriam para estas consultoria e assistência técnica em troca da contratação de mão-de-obra local e destinação de uma pequena parte de sua verba para a realização de projetos que beneficiassem essas favelas. Dentro desse contexto, observa-se o surgimento de uma relação mais direta entre esses órgãos e o poder público (*idem*).

Uma das características da memória é se constituir em uma fonte instrumental de significação do passado, atualizando informações e impressões sobre o mesmo (RICOEUR, 2000). Assim, estamos falando de um processo de dotação de sentido marcado tanto pelo seu aspecto relacional entre sujeitos sociais (HALBWACHS, 2004) quanto pelo seu caráter fragmentário e por vezes conflitivo, intrinsecamente influenciado pelas tensões do presente a partir do qual é suscitado (POLLAK, 1992).

### **Análise da obra**

O livro de Manoel Gomes é um relato de 73 páginas contando como surgiu a favela do Borel. São apresentados com impressionante riqueza de detalhes os personagens relacionados como de importância para esse processo de ocupação, desde os moradores mais atuantes no processo de mobilização pelo direito à moradia até os “acusados” de explorar ilegalmente a posse do morro. A obra foi lançada pelas Edições Muro, sendo prefaciada por Luiz Carlos Prestes.

A partir da década de 60 há o início de um contexto favorável ao surgimento de novos discursos de memória, principalmente com a descolonização e a importância de novos grupos sociais necessitados de estratégias de legitimação. Com o passar dos anos, o mesmo movimento pode ser observado em demais áreas, como mostra a discussão nos Estados Unidos e na Europa sobre o Holocausto e a Segunda Guerra Mundial, sobretudo após meados de 80, quando se anuncia a conjuntura histórica da queda do muro de Berlim. A partir dos anos 70 também pode ser observada uma série de medidas como restauração de centros

urbanos históricos, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa, além da participação ativa da indústria cultural através do lançamento de modas retrô, canais de televisão, filmes e vários outros produtos (HÜYSSEN, 2000).

Todos esses fatores foram denominados por Andréas Hüysen de *cultura da memória*, na qual há uma grande demanda pelo passado, que pode ser justificada por diversos elementos como a instabilidade política e o senso de fragilidade do homem perante as mudanças de sua relação com o tempo e com o espaço, trazidas pela evolução das tecnologias de mídia.

Partindo de uma conjuntura analítica dos anos 1970, Pierre Nora observa que o avanço dos meios de comunicação, o processo de “mundialização” e a descolonização e o subsequente nascimento de novas identidades nacionais teriam desestabilizado a percepção de nossa relação com o tempo e o espaço. Portanto, há uma alteração entre o homem e sua relação com a memória, enquanto conteúdo, e no tocante às suas formas de intermediação com a sociedade que a evoca. Nora aponta o fim das “sociedades-memória”, caracterizadas por uma relação espontânea e direta com o conteúdo e as práticas memorialísticas, e sua substituição pelas “sociedades de história”, nas quais a memória é dessacralizada, sendo a busca pelo passado caracterizada por um paradoxal misto entre distanciamento e ânsia. O passado seria atingido pelo rastro, pela distância e pela mediação, sendo necessários meios e suportes para a vivência dos significados e práticas de memória em uma sociedade que não mais a habita (NORA, 1993).

A contextualização teórica e histórica acima realizada serve como base para a reflexão acerca das condições de evocação e externalização<sup>1</sup> do depoimento de Manoel Gomes. A contextualização histórica se justifica pela necessidade do entendimento da conjuntura presente à evocação testemunhal, uma vez que os elementos políticos, sociais e culturais pertencentes a essa mesma conjuntura permeiam todo o processo que resulta na elaboração de um testemunho, conforme pode ser exemplificado na denominação da memória como “présent du passé” (“presente do passado”) (LAVABRE, 2001. p. 234).

A obra em questão teve seu lançamento editorial em um quadro internacional de valorização de temáticas do passado, além da problematização do direito à memória como forma de afirmação no espaço público de grupos sociais diversos em um referente inter e intranacional. No tocante às favelas, tratamos de um período de rearticulação do movimento associativo, cujas reivindicações encontrarão eco principalmente a partir do primeiro governo Brizola. Esse quadro se desenvolve em um período de reabertura política pós-anistia, na qual

---

<sup>1</sup> Por externalização me refiro ao lançamento do livro aqui entendido, que pode ser entendido em dois vieses: o primeiro, a exteriorização de um testemunho, o segundo, sua veiculação via mercado editorial.

outros grupos sociais começam a se articular em torno do processo político em desenvolvimento.

Partindo da problemática francesa, Pierre Nora criou a categoria *lugares de memória* para refletir sobre a relação entre memória e sociedade, na conjuntura observada no final da década de 70 e que atravessa a de 80. Essa categoria seria caracterizada por três funções simultâneas e intercambiáveis, de intensidade e aplicabilidade variável de acordo com a ação do tempo: material, simbólica e funcional (NORA, 1993).

Com relação às funções relacionadas aos *lieux*, gostaria de atentar para a função material evidente na transmutação de um depoimento em livro, que representa uma forma de preservação. Tal fato deve ser ainda mais evidenciado por tratarmos de um grupo social cuja imagem tem sido historicamente construída por diferentes atores pelo não-pertencimento ao espaço urbano, quando não como célula irradiadora das mazelas que assolaram e ainda assolam o Rio de Janeiro em diferentes contextos históricos.

Desse modo, podemos destacar um dos aspectos simbólicos e funcionais do relato de Manoel Gomes materializado em livro: o uso do testemunho transmutado em concreto, em termos de materialidade, pela obra literária como instrumento de afirmação no espaço público e transmissão de memória. Essa obra pode ser relacionada em um contexto de uma evocação memorialística não-espontânea onde se nota a necessidade de criação, construção de arquivos, monumentos, festas e rituais. O passado evocado de tal forma tem sido utilizado como meio de redefinição de identidades de diferentes grupos pela revitalização de sua história particular, onde pode ser observada uma escrita do passado não mais monopolizada por historiadores profissionais (NORA, 1993).

Segundo Jacques Le Goff: “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas” (LE GOFF, 1982, p. 36). Sem intencionar contrariar tal assertiva, gostaria de chamar atenção para a possibilidade de acesso aos meios de memória presente na conjuntura que se inicia com o final da década de 70, por grupos encontrados em situação social de dominação.

O mesmo acesso passa a ser estrategicamente utilizado como meio de inverter sua posição no jogo social, conforme poder ser observado no prefácio de Luiz Carlos Prestes (GOMES, 1980, p. 3):

“Neste momento, em que, após 16 anos de tirania, de total arbítrio, de autoritarismo, a miséria do povo atinge nível jamais visto, o conhecimento do êxito alcançado, através organização e da unidade, pelos moradores do morro do Borel, constitui ensinamento da maior utilidade para todos os

patriotas e democratas interessados na luta contra a ditadura militar, pelas liberdades democráticas e pelo real avanço de nosso povo no caminho de uma democracia política, econômica e social, cada dia mais ampla, e do progresso social. Que este livro chegue às mãos do povo é pois o que desejo.”

Como pôde ser visto, há interesse que o relato contado no livro construa uma imagem social da favela pelo aspecto positivo da mobilização e organização social, servindo como modelo em um contexto de reabertura política em contraponto ao período de maior recrudescimento do regime militar. Sendo assim, nota-se uma operação de ressemantização do morador de favela perante sua percepção social tradicionalmente negativa. A memória dessa mobilização organizativa pelo direito à moradia seria uma ferramenta fundamental nesse processo. Cabe a seguinte questão: a ressignificação desse grupo social não se constituiria em uma estratégia de inversão de sua situação de marginalização perante a sociedade, a partir da positivação da percepção desta sobre o mesmo grupo?

No testemunho em questão, podemos verificar o esforço de associação de uma identidade para o morador do morro do Borel relacionada ao universo do trabalho: “Foi assim que ficou a situação dos trabalhadores que acorreram para o Rio (...) Só havia duas alternativas: habitar os morros ou os mangues, ou cair fora com um saco de miséria nas costas. Daí surgiu a proliferação de favelas no nosso Rio de Janeiro (...)” (GOMES, 1980, p. 12). Ou então: “Hoje em dia, nossas favelas estão enojadas com relação à elite social de nossa linda cidade. Esta intocável classe que se esquece da humildade e disposição dessa gente que é despojada de seus rendimentos de duas formas: uma para o empregador, e a outra para o comerciante explorador(...)” (*idem, ibidem*).

Conforme pôde ser notado, as citações referem aos moradores da favela como proletários urbanos, e o discurso da exploração e luta de classes é uma presença constante. O próprio trabalho operário é tido como uma dentre as possíveis causas para o surgimento das favelas. Tal hipótese não é falsa, sendo, certamente, uma das causas para o aparecimento desse tipo de moradia (ABREU, 1984).

A associação entre a questão do trabalho e o discurso da luta de classes pode ser entendido no âmbito da União dos Trabalhadores Favelados (UTF), um importante ator presente no relato de Manoel Gomes. A UTF foi criada em 1954 com o intuito de mobilizar os moradores do Borel contra um processo de despejo movido pela imobiliária Borel Meuron. Além da luta pela permanência da favela, o órgão também visava a reivindicação por melhores condições de moradia. A criação da entidade está relacionada ao contexto de influência crescente do Partido Comunista, a partir da década de 50, através da participação

em movimentos de resistência a despejos em favelas como Mata Machado, além do próprio Borel, ambas localizadas na Tijuca (LIMA, 1989).

O órgão visou a formulação de uma identidade que associasse o morador de favelas ao universo do trabalho. Desse modo, buscou-se uma alternativa às imagens vulgarizadas de vadio e malandro e que não contemplavam a real heterogeneidade desse grupo populacional. Essa questão foi uma característica interessante da UTF enquanto movimento associativo, pois unificava debates em torno das questões da moradia e do trabalho. Também através da União foi travado contato com o advogado Antoine de Magarinos Torres que possuía ligações com o partido comunista, chegando a atuar junto às ligas camponesas (GRYNSZPAN, 2002). Procurado para auxiliar juridicamente no processo de despejo movido pela imobiliária Borel Meuron, Magarinos se tornou figura central para a definição de objetivos e reivindicações, assim como na organização de atos de protestos, passeatas e vigílias (LIMA, 1989). Sua importância para a organização é tamanha que seu retrato estampa a capa de seu estatuto.

Com a instalação da ditadura de 64, a UTF é obrigada a mudar seu nome para Associação de Moradores do Borel, o que denota uma separação com o movimento dos trabalhadores e sindical, além de restringir a prática do associativismo apenas à favela do Borel. Ao longo da década de 1960 e boa parte da década de 1970, a associação passa a dedicar-se mais a questões relativas à infra-estrutura habitacional e sanitária, abandonando a problemática política e a postura anti-remocionista.

Desse modo, não poder ser considerada de forma inocente a forte presença da UTF no relato de Manoel Gomes, inclusive considerando-se que o mesmo foi seu integrante. Muito menos deve ser ignorado a figura do autor do prefácio da obra, Luiz Carlos Prestes, tendo em vista o seu histórico perante o Partido Comunista e sua trajetória política e pessoal. O projeto da UTF de se tornar um fórum para as demais favelas do Rio de Janeiro e a unificação dessas pelo âmbito do trabalho pode ser exemplificada pela figura de Manduca, morador do Morro de Santo Antônio, cuja favela estava sob ameaça, que se concretizaria, de remoção. Manduca decide se mudar para o Borel após tomar conhecimento da intensa mobilização e luta de seus moradores por condições mais dignas para “os trabalhadores favelados”. Manoel Gomes relata as impressões de Manduca ao tomar conhecimento da atuação da UTF (GOMES, 1980, p. 32-33):

“Vocês acham que essa meia porção de salário é correspondente com o custo de vida? Não, não dá. Sobra para a moradia? Não, não sobra. Então a solução é favela mesmo. As terras são do nosso Brasil e eu nasci nele, portanto, sou brasileiro, tenho as mesmas características dos outros, ricos ou pobres; não tenho terras, não as herdei e não ganho o suficiente para comprá-las. Moro no morro de Santo Antônio, ele vai ser demolido como foram os

do Senado e Castelo. Taí, eu vou morar no Borel, decidi Manduca; vou ajudar aqueles bravos lutadores a lutarem até a vitória final pelo direito incontestável de ficarem onde nasceram e se criaram. Eu acho isso um absurdo, os sedentos por terras, os grileiros, querendo transformar os trabalhadores em passarinhos vivendo em revolta, dormindo nos galhos de diferentes árvores brasileiras.”

O relato de Manoel Gomes termina com dois últimos pontos. O primeiro, o golpe de 64, quando a UTF, por questões políticas, sofre uma intervenção e muda de nome para União dos Moradores do Morro do Borel (UMMB). O segundo, o falecimento de Magarinos Torres, em 1966. Esses dois itens decretam a morte simbólica de um movimento de mobilização e associação, pela intervenção externa que resulta na retirada da palavra “trabalhadores” do nome da associação, o que leva a uma quebra simbólica da união das reivindicações pelo direito à moradia com as causas trabalhistas. Também não poderia deixar de ser considerado o falecimento de um dos idealizadores, ainda que não pertencente à comunidade de moradores da favela, padroeiro e combatente pelos ideais da UTF. Ao terminarmos a leitura do depoimento escrito de Manoel Gomes, fica a forte impressão da história do Borel ser essencialmente ligada à UTF. Esse fato torna possível levantar questionamentos que serão expostos mais adiante.

### **Conclusão**

A evocação e disseminação de representações de memória constituem um processo dinâmico de riqueza considerável. Temos a soma de interesses, indivíduos e situações diversas, todas permeadas por conjunturas sucessivas e as mudanças por elas acarretadas. Ao analisar o texto de Manoel Gomes, o olhar do historiador consegue identificar uma constância centrada na temática do movimento associativo ligado à questão do trabalho e da luta de classes, bem como a forte presença da UTF. É bastante significativo o fato do relato terminar com a “morte simbólica” da UTF e com o falecimento de seu “padroeiro”, Magarinos Torres. Desse modo, a história do “povo do Borel” e de suas lutas é essencialmente relacionada à União dos Trabalhadores Favelados. Mas, no entanto, uma análise historiográfica não poderia deixar passar despercebida essa ligação construída pela narrativa. Algumas perguntas podem ser colocadas, não com o intento de desqualificar a versão de Manoel Gomes, mas para contribuir por um melhor entendimento da trajetória histórica do Borel.

Primeiramente, é possível questionar o foco excessivo na União. E as demais associações relacionadas a outras esferas da vida em sociedade, como as de cunho religioso ou de lazer? Qual seria a relação da UTF com centros de umbanda, igrejas, ou com a escola

de Samba Unidos da Tijuca, uma das mais antigas do Rio de Janeiro localizada na entrada da favela? Como um indivíduo constitui diversos grupos de diferentes instâncias ao longo de sua existência, qual seria o envolvimento dos membros da UTF com as agremiações relacionadas anteriormente, e como o grau desse envolvimento pode servir como instrumento para iluminar novos aspectos da memória sobre a coletividade de moradores do Borel? Outro questionamento é referente à “morte simbólica” da UTF, a partir de sua mudança de nome para União dos Moradores do Morro do Borel. Qual seria o grau de envolvimento das antigas lideranças com a associação reformada? Aliás, qual foi o verdadeiro grau de “reforma” na organização, e quais os ecos da UTF que nela poderemos encontrar? A mudança de nome também trouxe uma sucessão por grupos de interesses distintos ou semelhantes, na condução dos rumos da UMMB? Ou tais interesses estariam complexamente interligados?

Como visto, é necessário o direcionamento de um olhar sobre os aspectos não-abordados no relato de Manoel Gomes, visando todas as esferas e campos onde se desenvolve a história de “lutas do povo do Borel” sejam contempladas. Memória e História não são termos que se confundem. A primeira é caracterizada pela experiência vivida ou transmitida, e seus traços vivos sobre perspectivas do passado. Atualmente, nota-se uma sensibilidade nova e exacerbada sobre tudo o que é ligado à memória, que para além de um fenômeno objetivo, se tornou um valor. O segundo termo diz respeito a uma construção consciente do passado e marcha pelo conhecimento. No entanto, ambas as terminologias possuem ligações, não devendo ser separadas, apesar de não se confundirem (ROUSSO, 1998). O que difere memória e História não seria tanto o conteúdo, mas a forma sob a qual este é aprendido e apresentado (LAVABRE, 2001). Paul Ricoeur atenta para a necessidade de se evitar a fuga da análise da “boa memória” pela historiografia, sendo que essa deve ser abordada pelas suas capacidades analíticas como instrumento de significação do passado. No entanto, para que uma “boa história” possa servir como ferramenta para a melhor compreensão da real complexidade da memória como objeto de estudo, a exemplo do caso do depoimento escrito de Manoel Gomes, faz-se vital o olhar do historiador em seu rigor analítico.

## **Bibliografia**

ABREU, Maurício. *Da habitação ao habitat: uma interpretação geográfica da questão da habitação popular no Rio de Janeiro (1850-1930)*. Rio de Janeiro: FCRB/IBAM/IUPERJ, 1984.

GOMES, Manoel. *As lutas do povo do Borel*. Rio de Janeiro: Edições Muro, 1980.

GRYNSZPAN, Mário. “Da barbárie à terra prometida: o campo e as lutas sociais na história da República”. In: GOMES, Ângela de Castro, PANDOLFI, Dulce & ALBERTI, Verena (orgs). *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2002.



HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LAVABRE, Marie-Claire. “De la notion de mémoire à la production des mémoires collectives”. In: C’EFAÏ, Daniel (dir.). *Cultures politiques*. Paris: PUF, 2001.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1982.

LIMA, Nísia Trindade. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro: políticas do Estado e lutas sociais (1954-1973)*. Dissertação de Mestrado em Ciência Política. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1989.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*. São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993.

PANDOLFI, Dulce & GRYNSZPAN, Mário. “Poder público e favelas: uma relação delicada”. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). *Cidade: história e desafios*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oubli*. Paris: Seuil, 2000.

ROUSSO, Henry. “Mémoire et histoire: la confusion”. In: *La hantisse du passé: entretien avec Philippe Petit*. Paris: Éditions Textuel, 1998.